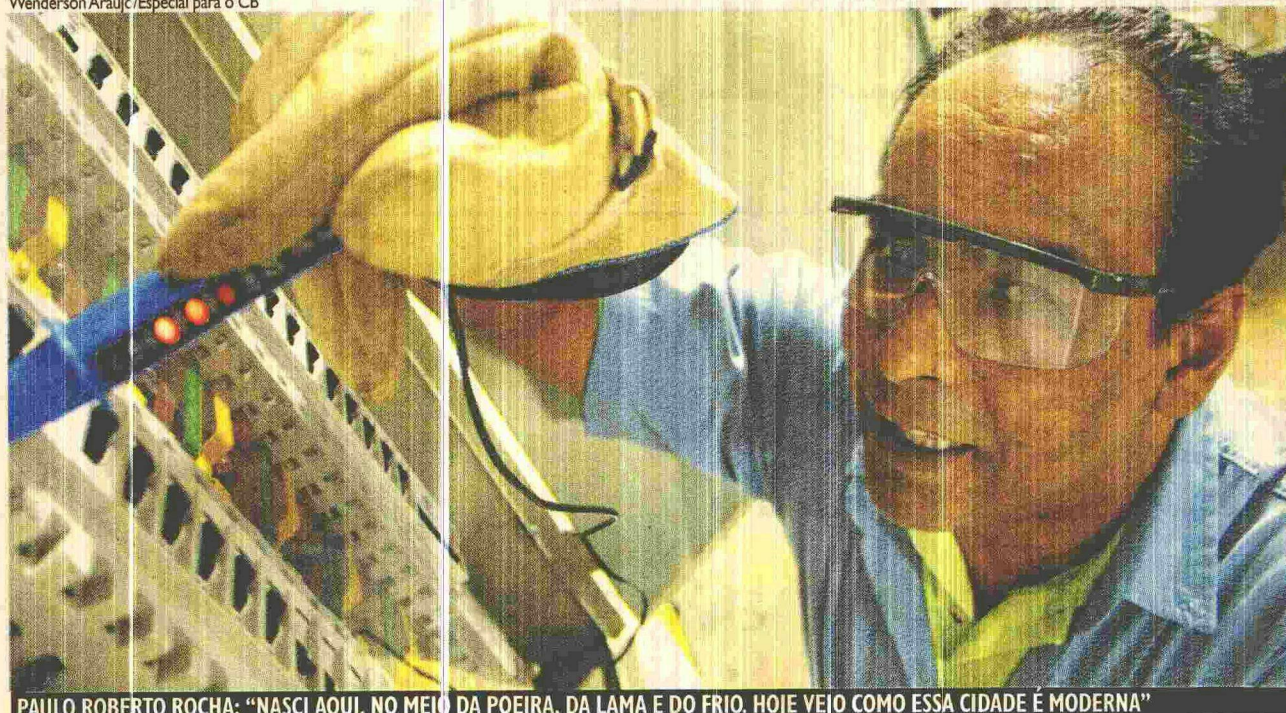


O electricista Paulo Roberto cresceu solto na poeira do Núcleo Bandeirante. Hoje, não deixa suas filhas saírem à noite nas ruas de Ceilândia

Wenderson Araújo/Especial para o CB



PAULO ROBERTO ROCHA: "NASCI AQUI, NO MEIO DA POEIRA, DA LAMA E DO FRIO. HOJE VEJO COMO ESSA CIDADE É MODERNA"

ONDE NASCEU

Hospital Juscelino Kubitschek de Oliveira (atual Museu Vivo da Memória Candanga), Núcleo Bandeirante

ORIGEM FAMILIAR

Pai piauiense e mãe baiana

LEMBRANÇA DE INFÂNCIA

"A prisão do meu pai por dois meses, durante o golpe de 64. Ele foi confundido com manifestantes contrários à ditadura militar e acusado de subversão"

O QUE GOSTA EM BRASÍLIA

Parque da Cidade e Esplanada dos Ministérios. "São dois lugares que me dão prazer. Eu me sinto bem perto da natureza."

INFÂNCIA à moda antiga

RAFAEL MESQUITA

DA EQUIPE DO CORREIO

N o dia em que o electricista Paulo Roberto Pereira Rocha nasceu, em 15 de outubro de 1959, Brasília ainda nem havia sido inaugurada. Mas já existia a chamada Cidade Livre, atualmente Núcleo Bandeirante. O local serviu de alojamento para os trabalhadores que construíram a cidade. Entre eles, o pai de Paulo Roberto, o carpinteiro piauiense Manoel Rocha, que chegou ao lugar em 1957. Ali, o nordestino conheceu e se casou com a cozinheira baiana Lindalva Pereira dos Santos. Tiveram, então, sete filhos, uma mulher e seis homens, entre eles Paulo Roberto, o primogênito.

A mudança de Manoel e Lindalva para Brasília aconteceu após o chamado do presidente da República na época, Juscelino Kubitschek, para que os brasileiros viessem ajudar a construir a nova capital federal. Além dos nordestinos, os operários que chegaram para iniciar as obras eram predominantemente mineiros e goianos. "Meus pais vieram com a esperança de ter uma vida melhor e felizmente esse objetivo foi alcançado", comemora Paulo Roberto.

O brasiliense teve uma infância à moda antiga. "Eu brincava na rua até de madrugada", lembra Paulo. Mas hoje o medo da violência impede que as filhas tenham o mesmo sentimento de liberdade. As adolescentes Raissa de Melo Rocha, 15, e Hannah de Melo Rocha, 17, não têm a mesma oportunidade de viverem livres como o pai. "Não deixo minhas filhas ficarem nem na porta de casa", diz ele, casado há 18 anos com a servidora pública Dayse Lúcia de Melo e atualmente morador de Ceilândia.

Além das mudanças no tipo de vida levado na infância, outras alterações marcaram a vida de Brasília nos últimos 47 anos. Paulo reclama que o crescimento populacional desenfreado "sufoca" a cidade. Contraditoriamente, ele critica a vinda em grande quantidade de imigrantes — que, assim como os seus pais, vêm tentar uma vida melhor. "Esse aumento exagerado no número de habitantes acaba contribuindo com a violência", observa.

O espírito brasiliense é algo que marca a vida desse electricista. O orgulho de ter nascido em Brasília explica-se por sua vida confundir-se com a história da própria cidade. "Nasci aqui, no meio da poeira, da lama e do frio. Hoje vejo como a cidade é moderna em comparação a outros lugares do Brasil. Este lugar é lindo e maravilhoso", exalta Paulo Roberto. E diz que a música e os cantores como Renato Russo contribuíram para mostrar a cidade para o Brasil.

Monumento histórico

Do alto do prédio em que trabalha há 17 anos, no Ministério da Ciência e Tecnologia, Paulo Roberto acompanhou em 29 de dezembro de 1992 a cena que mais o marcou na cidade: o impeachment do então presidente Fernando Collor de Mello. Seu olhar, e os olhares de todo o Brasil, estava voltado para o Senado Federal — que decidiria o futuro político do principal mandatário do país.

O momento era mágico na vida de muitos brasileiros que aguardavam em frente ao Congresso o afastamento de Collor. Paulo Roberto sentia-se parte da multidão que lotava a Esplanada dos Ministérios naquele dia. "Todos estavam ali com o mesmo objetivo. Era o meu povo que tirava o presidente da República", emociona-se.

08/09

BRASÍLIA, SÁBADO, 21 DE ABRIL DE 2007